

“E não foi só na cerâmica. Muitos dos nossos remédios naturais e práticas agrícolas também são fruto dessa integração. A sabedoria dos nossos ancestrais africanos se uniu à sabedoria dos povos indígenas para criar um conhecimento ainda mais rico e adaptado a esta terra.” continuou Jamila.

Carlos, curioso, perguntou: “Então, essa integração de saberes é algo que continua até hoje?” foi Jamila quem respondeu: “Com certeza. Continuamos a compartilhar e aprender uns com os outros. É uma forma de manter viva a nossa cultura e de garantir que esses conhecimentos não se percam. A cerâmica que vocês estão fazendo hoje é um testemunho dessa herança compartilhada.”

Dona Maria completou: “E é por isso que é tão importante que vocês estejam aqui hoje, participando dessas atividades. Ao aprender e valorizar esses saberes, vocês ajudam a preservá-los e a reconhecer a importância das nossas culturas.”

Foram caminhando até a roça, onde eram cultivadas plantas típicas da região, muito consumidas pela população local. D. Maria explicou: “Aqui cultivamos mandioca, inhame, batata-doce e outras raízes. A melhor época para o plantio é durante a estação das chuvas, e a colheita ocorre alguns meses depois.”

Maiara e Carlos ficaram admirados com as técnicas de cultivo, que eram diferentes das que conheciam. Maiara comentou: “Na minha comunidade, usamos métodos diferentes para plantar e colher.”

Carlos acrescentou: “Essas práticas são passadas de geração em geração e se adaptam ao clima e ao solo de cada região.”

D. Maria sorriu e disse: “Essa sabedoria é fruto de muitos anos de observação e aprendizado. Nossos antepassados nos ensinaram a trabalhar com a terra de forma sustentável, respeitando os ciclos naturais.”

O grupo seguiu adiante e visitou uma casa de farinha, onde puderam observar o processo de produção da farinha de mandioca. Jamila explicou: “Depois de colher a mandioca, ela é descascada, ralada e prensada para retirar o excesso de líquido. Em seguida, a massa é peneirada e torrada em grandes fornos de barro.”



Momento de reflexão e debate:

Consegue identificar em seus costumes a herança dos seus ancestrais?

Quais saberes e fazeres aprendeu com seus familiares mais velhos? Quais saberes e fazeres você pretende ensinar para os mais novos?

Você percebe que essas são as suas raízes?

Compartilhe com sua turma.

A habilidade e a precisão necessárias para cada etapa do processo, chamou atenção. “É um trabalho árduo, mas o resultado é uma farinha de alta qualidade.” disse Jamila.

Depois, o grupo foi até um moinho movido por roda d’água, onde a cana de açúcar era moída para produzir várias coisas, como rapadura e melado. Dona Maria explicou: “Este moinho é movido pela força da água do rio. É uma técnica antiga que aproveita os recursos naturais de forma eficiente e sustentável.”

Maiara, fascinada, comentou: “Na minha comunidade, usamos moinhos manuais. É incrível ver como a roda d’água facilita o trabalho e aumenta a produção.”

Enquanto experimentavam o caldo da cana Luzia comentou: “Essa integração de técnicas tradicionais com o uso de recursos naturais é um exemplo perfeito de como podemos viver em harmonia com a natureza.”

Mel levantou uma questão: “Essas práticas que vimos hoje também podem ser consideradas tecnologias sociais?”

Jamila assentiu: “Sim, Mel. As tecnologias sociais são desenvolvidas a partir das necessidades e conhecimentos das comunidades. Elas são sustentáveis e acessíveis. Por exemplo, o uso da roda d’água no moinho ou as técnicas de cultivo que respeitam os ciclos naturais são tecnologias das comunidades. Mas a universidade nos ajudou a aprimorar os fornos e os agrônomos do governo trouxeram mudas e sementes mais resistentes a pragas”.

“Tive conhecimento desse termo “tecnologias sociais” quando fizemos um mutirão de construção, lá na comunidade e várias pessoas se uniram para reformar a escola e outros espaços comunitários. Não só reduziu os custos, mas também fortaleceu os laços sociais.”

Maiara acrescentou: “Além disso, muitas dessas tecnologias são passadas de geração em geração, mantendo viva a cultura e os saberes ancestrais. Elas não dependem de grandes investimentos ou infraestruturas complexas, mas sim do conhecimento e da cooperação comunitária.”

Carlos, refletindo, disse: “Nossa cooperativa de reciclagem, onde os moradores se organizam para coletar e reciclar materiais, gerando renda e promovendo a sustentabilidade ambiental, também é outro exemplo.”

“Conheço como exemplo os bancos comunitários, que são sistemas financeiros locais baseados na solidariedade e na cooperação, oferecendo microcréditos e serviços financeiros a pessoas que geralmente não têm acesso aos bancos tradicionais”, disse Luzia. E acrescentou: “Temos também as moedas sociais que são um tipo de dinheiro que circula no local, movimentando a economia e incentivando as trocas entre os próprios moradores.”

Mel encerrou o assunto dizendo: “É interessante como essas tecnologias sociais podem ser uma alternativa viável para muitas comunidades ao redor do mundo. Elas promovem o desenvolvimento sustentável e a inclusão social, algo que as tecnologias convencionais nem sempre conseguem alcançar.”



Pra refletir:

A sua comunidade utiliza alguma tecnologia social? Pesquise sobre esse conceito na internet e descubra se existem tecnologias que podem ajudar vocês a melhorarem alguma coisa no local em que vivem.